

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E O (DES)RESPEITO AOS TEMPOS DE APRENDIZAGEM: O PAPEL DA AFETIVIDADE DENTRO DO CONTEXTO ALFABETIZADOR

Daniel da Silva Souza¹

RESUMO

Muito se fala da importância de diferentes olhares na avaliação e da relevância da adaptação/flexibilização das ferramentas de aprendizagens, garantindo assim equidade na apropriação dos conteúdos já oferecidos, mas que por alguma razão, sejam elas patológicas, de maturação etária, contextualidade social e/ou continuidade, como excesso de faltas e sistematização do conteúdo não são devidamente trabalhadas. Contudo, nem sempre a flexibilização de materiais como apoio às necessidades de cada aluno ou diferentes formas avaliativas que permitem a participação efetiva e protagonismo do aluno como recurso é considerado, obstando a ratificação das aprendizagens. Pouco se reflete sobre o papel que a imagem docente desempenha nesse contexto durante a formação de seus discentes, podendo encorajar ou desestimular seu engajamento e fomentação de novos conhecimentos no processo de alfabetização, sendo esse apenas um dos problemas que afeta a alfabetização, o que resulta em alunos fora do ciclo de alfabetização ou inseridos nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio analfabetos ou alfabéticos não proficientes.

Palavras-chave: Alfabetização. Comunicação Não Violenta. Analfabetismo. Pedagogia Afetiva.

¹ Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação da professora Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa.

E-mail: danielsouza0505@hotmail.com. Data de entrega: 28/11/2023

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da importância da afetividade no contexto escolar e a abordagem da Comunicação Não Violenta (CNV) durante o processo de alfabetização como um objeto de reparo e respeito às aprendizagens. O presente artigo trata da forma em que educadores reagem aos seus alunos em suas diversas singularidades e como sua imagem influencia o processo de aprendizagem, visando o processo de alfabetização e a afetividade dentro do ambiente educacional.

Sob à luz de um dos problemas atuais na educação brasileira, onde os alunos saem do Ensino Fundamental I e ingressam no Ensino Fundamental II ainda não alfabetizados, ou alfabéticos não proficientes. Assim, o objetivo deste estudo é entender a importância do olhar docente afetivo com vista à melhoria e escuta do que dizem as crianças em seu processo de aquisição de novos conhecimentos, dialogando e/ou readequando os conhecimentos prévios referentes ao processo de aquisição do sistema da escrita e o uso social. O conteúdo apresentado neste artigo poderá beneficiar alunos da educação básica, esta entendida como Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio; subsidiar educadores e todos aqueles que compõem o ambiente escolar; e integrar familiares, responsáveis e graduandos de cursos relacionados à educação sobre meios de valorizar os conhecimentos prévios e estimular novos conhecimentos.

Para fins desta análise, os conceitos de Alfabetização foram fundamentados nos estudos de Magda Soares (2021), que concebe alfabetizar como prática do processo de apropriação do sistema de escrita ligado ao letramento, que se trata do conceito amplo que se procura trabalhar os usos, as práticas de leitura e escrita presentes no cotidiano das pessoas.

O conceito de Fracasso Escolar, segundo Solange Aparecida Bianchini Forgiarini e João Carlos da Silva (2007), é definido como “o mau êxito na escola, caracterizado, na compreensão de muitos, como sendo a reprovação e a evasão escolar, [...] incluindo a aprovação com baixo índice de aprendizagem.” (FORGIARINI; SILVA. 2007. p.1).

Como metodologia teórica desenvolvida por Marshall Rosenberg (2006), a Comunicação Não Violenta (CNV) como prática, propõe uma nova forma de se relacionar e apresenta ferramentas úteis para superar os desafios que aparecem nas nossas relações, que são causadas pela forma em que nos comunicamos ou até

mesmo pelo que deixamos de falar por medo do conflito.

É importante destacar que as informações aqui disponibilizadas foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica e documental de obras atuais e também de nomes relevantes ao tema.

2. O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS NECESSIDADES

A alfabetização, assim como outras aprendizagens, é norteada a partir de um conhecimento prévio, uma vez que o educando é parte de uma sociedade leitora e cercado por ideias escritas desde muito cedo. Contudo, insere-se em um processo gradual, que a partir de estímulos ou desafios estratégicos elaborados por um docente, permite a apropriação da tecnologia escrita, desenvolvendo as habilidades de ler e escrever. Um dos problemas comuns é a falta das condições necessárias para a continuidade do processo de escolarização que, segundo Magda Soares (2021), considera que na aprendizagem da língua escrita, o problema afeta o uso da escrita e da leitura no uso social, como reconhecer informações em folhetos, cartazes, transporte público, interpretação de notícias e interpretação de leis e projetos que dependem da participação pública para sua validação.

Teberosky (1994) aponta a necessidade de diagnosticar o conhecimento prévio, ou como ela chama em seu livro, saber o que as crianças sabem, dissertando sobre como nos últimos anos tem sido um importante foco de atenção em pesquisas psicológicas e intervenções pedagógicas, existem conhecimentos sobre o ensino formal e uma importante ponte entre eles e novos conhecimentos, considerando que parte deles podem ser equivocados e partem de uma ou mais hipóteses. Logo, o erro não deva ser ignorado ou descartado, por se tratar de uma forte ferramenta para análise do conhecimento inicial e material para desenvolvimento em atividades que irão gerar novos conhecimentos:

[...] esses conhecimentos e crenças desempenham um papel importante na aprendizagem, embora, por outro lado, nem sempre sejam adequados, [...] o reconhecimento dessa inadequação coloca a necessidade de distinguir entre adquirir e reconstruir conhecimentos. (TEBEROSKY, 1994. p. 9)

A partir dos estudos de Isabel Frade (2003), entendemos que o processo de aquisição é apresentado em duas vertentes: Os Métodos Sintéticos (Método

Alfabético/Soleturação; Método Fônico/Fonético; e Método Silábico) e Métodos Analíticos, que vão do todo para as partes trabalhando com partes de significado (Palavração; Sentenciação; e Método Global):

Os primeiros métodos utilizados no ensino da escrita foram os sintéticos. Vários deles permanecem até os dias atuais, baseados em um pressuposto central: o de que a compreensão do sistema de escrita se faz sintetizando/juntando unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e sua representação escrita, ou seja, a análise fonológica. [...] Os métodos analíticos partem do todo para as partes e procuram romper radicalmente com o princípio da decifração. [...] Está presente nesse movimento metodológico a defesa do trabalho com sentido, na alfabetização, enfatizando-se o reconhecimento global como estratégia inicial, para que os aprendizes realizem, posteriormente, um processo de análise de unidades menores da língua. (FRADE, 2003. p. 1)

Segundo Magda Soares (2021) e reforçado por Lerner (2002), ao dizer sobre a necessidade de fazer da escola um local onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, sendo preservado o sentido que ambas têm como práticas sociais, o eixo central para esse processo de alfabetização é a utilização dos textos, tendo eles como objeto primordial para o trabalho com a alfabetização, sendo os textos os disparadores para o trabalho que desenvolvem habilidades de usos sociais, afinal, a educação tem o papel de formar cidadãos que compreendam e desempenhem seus papéis efetivos na sociedade com autonomia:

É indiscutível que o texto é o eixo central das atividades de leitura. Então, como desenvolver habilidades de usos sociais da escrita a não ser lendo e interpretando e escrevendo textos? [...] Se a fala e escrita se diferenciam por a primeira ser adquirida naturalmente e a segunda ter de ser aprendida, ambas, porém, se igualam em sua função interativa: a criança adquire a língua oral ouvindo textos ou falando textos em eventos de interação com outras pessoas; da mesma forma, a criança aprende a escrita buscando sentido, em eventos de interação com material escrito, nos textos. (SOARES. 2021, p.33 e 35).

É necessário que o processo de alfabetização não fique apenas em seu estágio inicial (identificar letras, números, palavras, frases, nomes, etc.), mas que

avance para o patamar de letramento (interpretar, compreender, gesticular, transformar, etc.). Porém, para que isso aconteça é importante que exista respeito e diálogos que levem o discente a refletir sobre o que está sendo construído em si, para que possa ressignificar e pôr em práticas em construções de textos autonomamente:

Leitores competentes podem raciocinar além do significado literal ou inferencial do texto. Eles podem refletir sobre o conteúdo e a forma do texto e avaliar criticamente a qualidade e a validade das informações. (PISA. 2018, p.16).

3. O ALUNO E A “LÓGICA” DA HETEROGENEIDADE

Sabemos que nenhum ser humano é igual ao outro, sejam pelas peculiaridades físicas, comportamentais, intelectuais, habilidades e outros. Mas por que, então, todos devem aprender a ler e escrever da mesma forma? Por que, no momento de aprendizagem, as diferenças de tempo para que se possa aprender é tão mal vista? O aspecto comportamental é dado como um fator de segregação e classificação do “bom” para o “mau” aluno, mas pode o aluno mais quieto não desenvolver as habilidades esperadas e o mais agitado consegui-las com facilidade, ou apenas o contrário? É realmente a indisciplina do aluno o principal fator que o sabota a trabalhar as habilidades à serem desenvolvidas e bem suceder-se no seu desenvolvimento escolar?

Para Antunes (2007), existem três focos a serem analisados em relação à indisciplina em sala de aula: a escola, por sua falta de clareza em como lida com a disciplina escolar, comparando-a a um quartel que visa doutrinar seus alunos e gabam-se por seu autoritarismo; o professor, quando traz uma aula não significativa, não percebendo as razões que fazem o ser humano aprender e quando não frisa e cobra seus alunos sob a luz de conceitos pré estabelecidos e que logo a sala de aula já os tem como limites; e, por fim, o próprio aluno, quando excessivamente quer chamar a atenção do professor e colegas de sala ou quando traz de fora do âmbito escolar posturas que não se enquadram dentro dos valores claros e discutidos que a escola possui.

A existência da indisciplina na escola é assim como um incêndio na mata.

Raramente o foco é único e na oportunidade em que a queima de um ponto alcança a de outro, torna-se muito difícil a tarefa dos bombeiros. Na maior parte das escolas não é diferente, a indisciplina quase sempre emana de três focos: a escola e sua estrutura, o professor e sua conduta e o aluno e sua bagunça. (ANTUNES. 2007. p. 16).

Esse olhar nos faz refletir sobre o papel da escola, do professor, a relação professor-aluno e o modo que esses papéis interferem diretamente em uma sala de aula, e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem. Não há como pensar no plano de aprendizagem ideal, sem considerar esses três fatores, pois ele se apoia na ação dos três grupos envolvidos, que juntos formam a sala de aula.

Aquino (1996) reforça que a indisciplina em sala de aula também é de importância familiar, contudo, não deixa de ser um objeto a ser tratado pela relação professor-aluno, pois:

[...] não é possível imaginar que a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina resida em alguma instância alheia à relação professor-aluno, ou que esta permaneça sempre a reboque das determinações extraescolares. Abstenhamo-nos, pois, de demandar uma ação mais efetiva da família, uma melhor definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas. A saída está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar. (AQUINO, 1996, p. 50).

Também, em seus escritos, Aquino (1999) deixa claro que o silêncio em sala de aula não é sinônimo de aprendizagem garantida, porque:

[...] silêncio e imobilidade não significam interesse nem tampouco aprendizagem, [...] as crianças são diferentes, algumas necessitam falar, movimentar-se mais do que outras para aprender o que lhes procura ensinar. (AQUINO, 1999. p. 124).

Perrenoud (2013) dialoga sobre a aprendizagem como uma via de mão dupla, onde a bagagem social do aluno tem um peso considerado durante o processo. E aponta à escola o trabalho de assistir os alunos em seus interesses e propiciar meios a se dedicarem:

A aprendizagem depende não apenas de como o professor ensina, mas também do que crianças e jovens trazem em termos de origem sociocultural e, claro, de seu interesse e sua dedicação. (PERRENOUD, 2013. p. 4)

Mesmo cercado de pessoas e profissionais, o aprendizado é individual e mostra a personalidade de cada aluno em determinada habilidade, cognição e a forma como compreende o meio em que está inserido.

4. IDENTIFICANDO O FRACASSO ESCOLAR

Adotamos o termo de fracasso escolar para descrever a situação em que um aluno não atinge os resultados acadêmicos esperados ou enfrenta dificuldades significativas em seu desempenho escolar. Em sua maior parte, apontamos para as novas metodologias, para as famílias, para o estado e, até mesmo, para o próprio aluno. Mas o que há de errado com as novas metodologias? Por mais que seja importante, somente a família necessita enxergar a criança e compreender as intervenções necessárias? O aluno tem tanta autonomia assim, ao ponto de se autossabotar e sem que ninguém nada faça? Em uma pesquisa realizada por Prioste (2019) sobre a hipótese docente em relação ao fracasso escolar, tiveram resultados que apontam as dificuldades na aprendizagem voltadas principalmente às famílias e aos alunos, tendo 87,97% das respostas atribuídas às famílias:

Os professores consideram que as dificuldades de aprendizagem decorrem principalmente da falta de apoio e interesse dos familiares às questões escolares das crianças, bem como da desestrutura familiar. (PRIOSTE, 2019. p.9).

O papel da família, bem como os fatores familiares, podem afetar o desenvolvimento do aluno, mas não podemos resumir somente a isso. Devemos buscar respostas em outros pontos de atenção que assombram a educação atual contribuindo para o fracasso escolar, como as dificuldades específicas de aprendizagem (dislexia, discalculia, TDAH, etc.), saúde mental (ansiedade, depressão, problemas comportamentais, etc.), podemos apontar as desigualdades sociais e econômicas que criam disparidades no acesso a recursos educacionais e

oportunidades de aprendizagem e suporte, desmotivação e falta de engajamento por parte do aluno e do professor e as metodologias. Como consequência do baixo desempenho de aquisição no processo educacional, Forgiarini e Silva (2007) nos mostra alguns dos problemas que têm se desencadeado atualmente, sendo eles notórios em diálogos populares, como alunos indisciplinados, pais e alunos que veem a educação como um sistema descredibilizado e professores descomprometidos com a educação de qualidade por falta de formação ou compreensão do papel da escola na sociedade atual, atribuindo a culpa ao aluno ou outros fatores externos:

Parece-nos necessário fazer uma reflexão acerca do fracasso escolar, objetivando entender como se caracterizou ao longo da história, numa tentativa de desmistificar e explicitar os seus determinantes, a fim de promover uma reflexão no espaço educacional. (FORGIARINI; SILVA, 2007. p. 2)

Perrenoud (2000) traz uma visão consequencial de professores que acreditam estarem sob a luz de uma pedagogia diferenciada, enganados e erroneamente induzidos, e por mais que estejam dispostos a mudar sua metodologia, são mal instruídos e perecem de informações com bases sólidas, consequentemente fracassando. E como resultado temos professores cansados, desesperançosos e “amargos” por um despreparo institucional que pula etapas e não questiona a razão por mudança na metodologia de ensino, quando na verdade, é necessário analisar os mecanismos geradores de desigualdades que, quando explicitados, retificam os problemas escolares:

[...] de modo que um grande número de professores generosos lançam-se de corpo e alma em uma diferenciação aproximada, sem bases sólidas e, portanto, sem futuro. Saem dessa empreitada esgotados e amargos. [...] Seria importante, ao contrário, não queimar as etapas, [...] deve-se explicitar e validar uma análise aguçada dos mecanismos geradores das desigualdades, já que são eles que se trata de neutralizar. (PERRENOUD, 2000. p. 17)

Mattos (2012) disserta sobre a inclusão social como ponto a ser considerado, referindo-se às crianças de classes populares, estas mais marginalizadas no sistema educacional, tendo a inclusão social como precedente da inclusão escolar, pois:

[...] inclusão social onde pais precisam ser alfabetizados, crianças precisam de registro de nascimento, saúde pré e pós-natal, alimentação saudável, condições básicas para se desenvolver, habitação, lazer e, acima de tudo, ser reconhecidas como cidadãos brasileiros (MATTOS, 2012. p. 227)

Considerar a sala de aula como um espaço homogêneo também é um grande fator desastroso, entendido que ela se trata de um espaço de heterogeneidades onde os alunos tem realidades diferentes e que suas bagagens socioculturais cheias de conhecimentos prévios influenciam nos resultados dos objetos de estudos.

Porque a maioria trata os alunos como se eles fossem todos iguais. Sabemos que isso não é verdade. Na prática, o que ocorre é que, mesmo com boas condições de ensino, ninguém aprende no mesmo ritmo nem da mesma maneira. Igualdade de oportunidades não garante igualdade na aprendizagem. (PERRENOUD, 2013. p. 3)

Para combater o fracasso escolar é essencial adotar abordagens abrangentes que considerem esses fatores diversos. Nas intervenções podem incluir apoio individualizado, programas de enriquecimento, estratégias de ensino diferenciadas, bem como medidas para promover um ambiente escolar inclusivo e de apoio. Além disso, a parceria entre escolas, famílias e profissionais de saúde é crucial para abordar o fracasso escolar de maneira eficaz.

5. A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA COMO OBJETO DE REPARO ÀS APRENDIZAGENS

A Comunicação Não Violenta (CNV) é uma abordagem desenvolvida pelo psicólogo Marshall Rosenberg que visa melhorar a qualidade da comunicação interpessoal e resolver conflitos de uma maneira não agressiva, emerge como uma abordagem promissora para melhorar a qualidade da comunicação e promover ambientes educacionais mais saudáveis. Ela se baseia em princípios de empatia, compaixão, honestidade e expressão clara de necessidades. Quando aplicada ao contexto educacional, a CNV pode desempenhar um papel significativo no processo de aprendizagem e na resolução de conflitos:

A Comunicação Não-Violenta é uma prática que propõe uma nova forma de

se relacionar e que apresenta ferramentas úteis para superar os desafios que aparecem nas nossas relações que são causados pela forma que nos comunicamos, ou até mesmo pelo que deixamos de falar por medo do conflito. (ICNVB, 2022. p. 1)

Jolibert e Sraïki (2008) trazem alguns apontamentos em seu livro “Caminhos para Ler e Escrever” sobre o papel que os adultos têm ao acreditar nas potencialidades das crianças estando dispostos a apoiá-las perseverantemente em sua educabilidade, acarretando aos educadores uma autoavaliação sobre sua própria representação das potencialidades dos alunos, a mudança de expectativas sobre a criança, fazendo sua atitude propiciar progressos por se notar os avanços e não somente cobrar metas a serem atingidas. Apresenta também o cuidado para que uma pedagogia “diferenciada” seja seguramente uma pedagogia “adaptada” às necessidades de maneira individual, não transformando o aluno em um denominador comum, mas puxando-o para cima, exigindo e mobilizando-o a ampliar e utilizar seus potenciais e, por fim, fomentar na criança que, independente do nível de dificuldade, ela é capaz de desenvolver com os demais, ambições de aprendizagem e progresso.

Crianças confiantes em suas possibilidades de aprender e de progredir, isto é, crianças que sentem que os adultos (professores e pais) acreditam em suas potencialidades, garantem seu sucesso e estão dispostos a ajudá-las com perseverança e tenacidade. (JOLIBERT; SRAÏKI, 2008. p. 25)

Considerando o aluno como um ser único que apresenta níveis de dificuldades e necessidades diferente dos outros, qual é a imagem que o professor transmite em situações que infligem a utopia da sala de aula perfeita, onde os alunos estão sempre em silêncio, com os materiais organizados e apostos, que tiram todas as dúvidas que surgem de forma confiante pela sede de conhecimento, em que ele traz o conteúdo daquela aula e os alunos erguem as mão organizadamente e comentam sem perpassar a fala do outro colega, onde as atividades são sempre entregues no final do tempo estabelecido, e os alunos aprendem segundo o cronograma descrito em seu plano de aula?

Pensando no papel do professor, Santos (2023) em seus estudos nos mostra um pouco sobre a ação castigadora, nomeando-as em ativos, que são os que chantageiam para conseguir algo, e os silenciosos, que se manifestam quando você

ignora a existência do outro propositalmente. A autora aponta que esses traumas gerados não ficam presos ao momento que aconteceu, mas que permeiam às outras situações da vida do indivíduo:

O medo de quem escuta as ameaças dos castigadores faz com que esqueça as possibilidades que tem. Diante das ameaças, gritos e humilhações, a sensação de desproteção e desamparo cresce em um nível muito alto, a ponto de não ser possível escutar os próprios sentimentos. [...] O castigador se coloca em lugar superior na relação e acredita que os seus castigos e punições ensinarão ao chantageado o que ele precisa aprender. (SANTOS, 2023. p. 71-72).

Para o prefácio do livro de Marshall B. Rosenberg, Arun Gandhi (2006) traz um pouco de sua experiência pessoal com relação a seu avô e a aprendizagem que obteve com ele sobre os tipos de violência, e justifica o fato da violência passiva ser mais capciosa por preceder a violência física:

Em poucos meses, cobri uma parede de meu quarto com atos de violência 'passiva', a qual meu avô descrevia como mais insidiosa que a violência 'física'. Ele explicava que, no fim das contas, a violência passiva gerava raia na vítima, que, como indivíduo ou membro de uma coletividade, respondia violentamente. Em outras palavras, é a violência passiva que alimenta a fomalha da violência física. (GANDHI, 2006. p. 14).

Muito comum nos depararmos com ações, vindas dos professores, que são reativas ao comportamento dos alunos. Sejam elas tanto “positivas” quanto “negativas”, e esses comportamentos do educador geram sentimentos que afetam diretamente na aprendizagem, pois o modo como reage aos conflitos de uma sala de aula pode tanto aproximar quanto afastar seus alunos da imagem do adulto que está acessível para tirar suas dúvidas, que o respeita e quer lhe mostrar como descobrir um novo horizonte.

A educação é concebida numa visão integral, que vai além dos limites da sala de aula e extrapola o processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos, numa via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações. (BRASIL, 2014. p. 11)

Ao incorporar os princípios da CNV, educadores e alunos podem construir pontes em situações de conflito, fomentando uma compreensão mais profunda e colaborativa, oferecendo ferramentas para resolver conflitos de maneira construtiva, estimulando a comunicação aberta e a busca de soluções colaborativas, criando um ambiente onde os alunos se sentem mais seguros para expressar suas preocupações, contribuindo para a resolução de problemas e fazendo com que alunos se sintam mais confortáveis em compartilhar ideias, fazer perguntas e participar ativamente das atividades, logo o professor pode identificar as necessidades individuais dos alunos adaptando métodos de ensino conforme necessário.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, a Comunicação Não Violenta pode ser um poderoso instrumento de reparo às aprendizagens, contribuindo para um ambiente educacional mais saudável, colaborativo e propício ao crescimento acadêmico e emocional dos alunos. Ao cultivar a empatia e a resolução construtiva de conflitos, a CNV fortalece as bases para um processo de aprendizagem mais eficaz e significativo.

As práticas de alfabetização que reconhecem e respeitam os diversos tempos de aprendizagem, aliadas a uma abordagem pautada na afetividade, são alicerces fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças. A compreensão de que cada educando é único traz consigo experiências singulares e enfrenta desafios distintos, molda uma visão pedagógica que vai além da mera transmissão de conhecimento.

O papel do educador transcende a entrega de conteúdos, abraçando a responsabilidade de criar ambientes educacionais permeados pelo acolhimento, compreensão e estímulo ao potencial individual de cada aluno. A afetividade, nesse contexto, não é um elemento secundário, mas uma força propulsora que nutre as bases da aprendizagem, gerando relações de confiança e segurança necessárias para o florescimento do conhecimento.

Ao considerarmos o (des)respeito aos tempos de aprendizagem, torna-se imperativo rejeitar qualquer abordagem que padronize o processo educativo. Cada criança é uma história em construção, e, como tal, merece a paciência e a dedicação de educadores comprometidos em oferecer um ensino significativo e inclusivo.

Em última análise, a interseção entre práticas pedagógicas sensíveis, respeito à diversidade temporal e promoção da afetividade estabelece os alicerces para uma

alfabetização eficaz e humanizada. O comprometimento com esses princípios não apenas forma leitores competentes, mas também cidadãos capazes de enfrentar desafios, colaborar em sociedade e perpetuar um ciclo de aprendizagem contínua. A educação, quando enraizada no respeito aos tempos individuais e na valorização das dimensões afetivas, torna-se não apenas um meio de transmitir conhecimento, mas uma ferramenta poderosa para a construção de um futuro mais igualitário e compassivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho = Aluno Difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 16 - 20.

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **DIÁLOGOS E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NAS ESCOLAS Guia Prático para Educadores**. Brasília: Movimento, 2014. p. 11.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos da. **ESCOLA PÚBLICA: FRACASSO ESCOLAR NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA**. Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 1-2. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-2.pdf>. Acesso em 13/10/2023.

FRADE, Isabel. **Métodos e metodologias de alfabetização**. Glossário CEALE. P. 1. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/metodos-e-metodologias-de-alfabetizacao>. Acessado em: 11/11/2023

GANDHI, Arun. **Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006. p. 14.

INSTITUTO CNV BRASIL. **Comunicação Não-Violenta (CNV): O que é e como praticar**. p. 1. Disponível em: <https://www.institutocnvb.com.br/single-post/comunica%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-violenta-cnv-o-que-%C3%A9-e-como-praticar>. Acessado em 25/11/2023.

JOLIBERT, Josette; SRAÏKI, Christine. **Caminhos Para Aprender a Ler e Escrever**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 25.

LERNER, Délia. **Ler e Escreve na Escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 18.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Educar em Revista. **Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares**. Curitiba: UFPR, 2012. p. 227)

SOARES, Magda. **Alafalettrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 27; 33; 35.

PERRENOUD, Philippe; RATIER, Rodrigo. Philippe Perrenoud: "Na escola, dar mais a quem tem menos". Brasília: **Nova Escola Gestão**, 2013. p. 4. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/261/philippe-perrenoud-na-escola-dar-mais-a-quem-tem-menos>. Acessado em 25/11/2023.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 17.

PISA 2018 - **MATRIZ DE LETRAMENTO EM LEITURA – versão preliminar**. p. 16. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/marcos_referenciais/2018/pisa2018-matriz_referencia_leitura_traduzida.pdf. Acesso em: 11/11/2023.

SANTOS, Elisama. **Conversas Corajosas: Como estabelecer limites, lidar com temas difíceis e melhorar os relacionamentos através da comunicação não violenta**. São Paulo: Paz e Terra, 2023. p. 71-72.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a Escrever: Perspetivas psicológicas e implicações educacionais**. São Paulo: Ática, 1994. p.9.